



FRANCISCO FERREIRA
BARRETO

— — — — —
ANALYSE
DE HUM SONETO

ANALYSE DE HUM SONETO

DE

MANOEL MARIA DE BARBOZA DU BOUAGÉ;

POR

Francisco Ferreira Barreto,

Parocho Collado na Igreja Matriz de S.
Frei Pedro Gonsalves.



PERNAMBUCO:

. TYP. DE SANTOS E COMPANHIA.

1849.

A BOCAGE,

tendo espirado religiosamente:

SONETO.

Sumiste os erros teus n'um mar de gloria:
Oh! Elmano! Adonai te recompensa!
Cysne! oh! Cysne! Cantor de graça immensa!
Vives nos Ceos, e viverás na Historia,

Delirios, ambições, vida illusoria,
Passarão, como passa a nuvem densa:
Remio-te a contrição, ganhou-te a crença,
Foi vida a morte, o tumulo he victoria.

Que mais? Exulta! exulta! em fim venceste!
Fugiste aos negros véos da humanidade,
E entre a luz, todo luz, resplandeceste.

Nos Ceos tu tens hum Deos, e immensidade:
Na terra, donde sahes, e onde gemeste,
Loiros, prantos, tropheos, Pøsteridade.

POR

Francisco Ferreira Barreto.

ANALYSE.



“ Meu ser evaporei na lida insana

“ Do tropel das paixões, que me arrastava.’

Evaporar o ser, a existencia, na *lida* trabalhosa, e louca, no cardume, e no borbutão das paixões, que se precipitão de *tropel* sobre hum homem, ensopado nas delicias da sensualidade, he, sem duvida, huma excellente expressão metaphorica. As paixões o vão gastando, e destruindo lentamente, e a vida não se acaba precipitada, e de salto, mas como que se attenua, e *evapora*. A força da metaphora está collocada neste verbo.

A existencia de hum homem tal, sempre inquieto, e revolvido, pelos prazeres immoderados ; sempre descontente de si ; sempre ávido de novas situações ; de novos contrastes ; de novos prazeres ; e abandonado a excessos ; attenua-se, e gasta-se pouco e pouco, e como que se *evapora* de instante a instante. O homem neste estado he semelhante aos corpos odoriferos, que expostos á impressão rude do ar, vão-se tornando inodoros, e exinanidos.

Evaporar-se a existencia com os accometimentos fortes, com o encontrão violento dos affectos desenfreados, he huma das mais bellas metaphoras, que poderia occorrer á imaginação mais poetica.

“..... Na lida insana.”

O epitheto *insana*, aggregado á palavra *lida*; isto he, ao afan, a esses calculos, a esses projectos loucos, a essas fantasias, e vertigens, que nos assaltão na carreira da vida; a essa febre accessa, e sequiosa, que nos ateão as paixões; he de huma força, e de huma energia incontrastavel. *Lida insana* á roda viva, e ao cansaço de trabalhos continuos, a que se dá hum homem, a quem a luta, e a soltura dos affectos, arrancárão todo o repouso, e toda a paz. *Insano* tambem significa *excessivo*, e ainda nesta accepção convem aos soffrimentos, e incommodos da vida.

Bocage era de hum character singular, talvez energico de mais, se não violento. Desde a infancia elle se havia costumado ás fantasias poeticas, aos raptos de imaginação, ás irreflexões de hum genio, tostado, e ardido pelos fogos electricos, e tempestuosos da poesia erotica, e da poesia satyrica; pelas irrupções dos improvisos os mais correctos, e os mais cheios de vida poetica; e pelo fantasma do renome, e da gloria: conhecendo, e apreciando, quanto valia, desamparava-o a mo-

destia, quando fallava de si. O seu orgulho dava a lei, e recusava recebê-la. A extensão, e facilidade do seu estro, os furores do seu genio, do seu enthusiasmo, e mesmo a sua volubilidade, o arremeçavão do *Idyllio* mais terno, e mavioso, á virulencia da *satyra* mais acerba, e atróz. Os prazeres o havião aluido, e solapado, e, no circulo da sua vida livre, e desempeçada, elle estancou as fontes do gozo. He pois á multidão, e variedade desses prazeres, que elle dá o nome de *lida insana* : lida, que provinha do tumulto, em que o tração os affectos.

As illusões tinhão desapparecido, a morte presidia ao seu leito, e a eternidade se desdobrava, e descobria aos seus olhos, elle via o mundo, como na realidade he, e julgava-se a si mesmo, como elle via o mundo.

Accresce tambem, que hum dos historiadores da sua vida, José Maria da Costa e Silva, nos affirma : Que o aneurisma, que terminára a vida de Manoel Maria de Barboza du Bocage, procedêra (diz aquelle escriptor) de habituaes excessos.

“ Na lida insana

“ Do tropel das paixões, que me arrastava.”

Quando se reflecte na irrupção violenta com que as paixões se grupão, e acastellão dentro do nosso coração, e como dahi nos accomettem em batalhão cerrado ; quando se

observa a pressa, com que ellas se succedem humas ás outras, e se atropellão em sua carreira precipitada, derribando a razão; quando vemos, que ellas nos empuxão, que nos levão de rastos, e algumas vezes depois de renhida batalha, e de larga resistencia; conhece-se tambem a viveza desta metaphora, que o cysne moribundo do Sado empregou, em hum dos seus derradeiros cantos, quasi o ultimo esforço do seu genio.

“ O tropel das paixões. . . . ”

Tropel, por sua multidão tumultuosa, pela violencia, e estrondo da sua marcha. A palavra *tropel* he hum vocabulo imitativo, ou onomatopaico: he hum arremêdo do som. Tropel, que o conduzia á força, e que o *arrastava* contra os dictames da sua mesma razão.

O verbo *arrastava* he tomado em acceção metaphorica, e demonstra, não só a violencia com que Bocage era impellido, mas ainda a repugnancia com que elle cedia ás suggestões do mal, posto que podesse, e devesse resistir-lhes.

“ Ah! cego! eu cria! ah! misero! eu sonhava

“ Em mim quasi immortal a essencia humana! ”

Que maravilhosa, e bella não he esta exclamação, com que Bocage se interrompe! Depois da confissão mais ingenua dos deli-

rios da sua vida, elle sóta hum grito repentino de espanto, increpa-se de *cego*, e imagina-se desgraçado, porque no arreoubaimento dos prazeres sensuaes suppunha-se de huma duração, quasi tão prolongada, como o infinito. Suppunha-se, quasi immortal. He huma exclamação vehemente, arrancada á hora da morte.

Bocage conserva ao mesmo tempo a ordem, e gradação dos epithetos. Elle se julga *cego* em primeiro lugar, e depois disto *miserero*. Não podia deixar de ser *miserero*, tendo vivido *cego*. Era a sua cegueira, que o abysmava na desgraça.

Ha huma *repetição* (anaphora) nas duas interjeições com que elle exprimio a dor, que o havia penetrado: ha mais outra *repetição* no pronome *eu*, que elle duplicou neste verso.

“ Ah! cego! eu cria! ah! misero! eu sonhava

“ Em mim *quasi immortal a essencia humana!* ”

Elle não diz, que pensava; porque se o discesse, poder-se-hia deduzir, que o seu pensamento era bem coordenado. Elle diz, que *sonhava*, para que se entendesse claramente o delirio, e a desordem do seu espirito, ainda mesmo acordado. Na palavra *cego* ha outra metaphora, assim como no verbo *sonhava*.

“ De que *innumeros sóes a mente ufana*
 “ *Existencia fallaz me não doirava !* ”

Bocage toma neste logar a expressão *innumeros sóes*, pelos dias dilatados, innumeraveis, e quasi sem fim, que o seu entendimento *ufano*, e exaltado pelo orgulho, e pela irritabilidade das paixões, lhe fazia suppor, que teria de vida. *Innumeros sóes* (dice elle nesta composição), *sóes sem conto* (havia dito em outra parte, e por outro motivo): he isto huma expressão figurada. Chama *sóes* a reunião dos dias de toda a sua vida. Toma cada dia por hum sol. Toma a claridade do dia, que he o effeito que o sol produz, pelo sol, pelo astro, que produz esta claridade, ou este effeito. He huma metonimia.

A mente ufana, orgulhosa, e cheia de si, doirar a existencia de sóes, e de sóas, que se não podem numerar ; isto he, de dias cheios de gloria, e de fulgor, e quasi sem fim, pela multiplicidade destes sóes : he outra excellente metaphora.

O epitheto *ufana*, reunido á mente, pinta o desmarcado orgulho, que o deslumbrava, impedindo-o que pensasse de hum modo conveniente, e recto.

Ha huma grande propriedade de elocução no epitheto *fallaz*, dado á existencia ; porque *fallacia* he o engano, que se emprega artificialmente para illudir ; e a existencia, a vi-

da do homem sobre a terra, he hum verdadeiro aggregado de illusões, que elle mesmo emprega com toda a malicia, e refinamento do artificio, para se arrastar ao desregramento, e á desordem. Os epithetos metaphoricos (diz Maury) engrandecem o dominio da imaginação; e elle cita Voltaire nestes dous exemplos — Atroz demencia — Surda ferocidade.—

“ Mas eis succumbe a natureza escrava

“ Ao mal, que a vida em sua origem damna.”

Com que destreza, com que ordem de idéas, e ligação logica, se faz a passagem para estes dous versos ! He esta huma excellente *transição* (metábasis, ou progresso). Depois de Borage ter pintado o vortice, e o desenfreio, em que o retinhão as paixões sublevadas, conduzindo-o á temeridade de crer-se *quasi immortal*; dissipa-se esta illusão horrivel, e elle conhece com a evidencia das suas angustias, das suas anxiedades, dos seus padecimentos acerbos, e dos seus remorsos profundos, que tem *roçado o ponto extremo* (segundo a sua mesma linguagem em outro lugar); que a morte está presente; e que rouqueja

No tumido aneurisma o negro espanto.

Então elle faz soar esta verdade dolorosa :

“ Mas eis succumbe a natureza escrava

“ Ao mal, que a vida em sua origem damna.”

Tudo he aqui maravilhosamente disposto. O adverbio demonstrativo *eis*, e o verbo *succumbir*, não podião enpregar-se de hum modo mais appropriado, e vigoroso. *Eis*. Como que aponta, com este demonstrativo, para a chegada do ultimo momento, ao mesmo passo que o verbo *succumbir* he prostrar-se, abater-se; ceder, e cair opprimido de huma força extraordinaria.

O epitheto *escrava*, dado á natureza humana, he metaphorico, e he o mais expressivo, e fiel, que poderia descobrir-se. *Escrava* por sua sugeição, absoluta, e total a huma immensidade de leis, de agentes, de phenomenos, de successos, de contradicções, de enfermidades, e de miserias. Releva ainda ponderar, que esta *natureza escrava* he aqui tomada pelo individuo, pelo homem, com todas as suas desordens, e desgraças do crime, que faz o seu captiveiro; he pois o homem quem succumbe. A natureza do homem, tomada por elle, he huma metalepsis, especie de metonymia, hum dos tropos.

“ Mas eis succumbe a natureza escrava

“ Ao mal, que a vida em sua origem damna.’

O *mal*, ou o peccado inficionar, e damnificar a vida, assim que ella começa; isto he, *em sua origem*; he huma expressão figurada. O mal, que o homem soffre, tomado pelo peccado, he huma metonymia, he o effeito pela causa.

“ Ao mal, que a vida em sua origem damna.”

A esse fermento surdo de destruição : a esse germen de morte, plantado pela culpa de origem. Confissão indirecta do dogma, pelo qual prestamos crença á transmissão do primeiro peccado, e ás suas consequencias funestissimas. Triunfo religioso, verdade, que á hora da morte escapou indirectamente dos labios daquelle mesmo, que traçara a sacrilega Epistola, aggregado tenebroso de immoralidade, e de blasfemias :

Pavorosa illusão. .

Não tenho animo para acabar de escrever este verso.

Bocage reúne ainda o resto de suas forças fugitivas, e se lhe escuta hum brado, ou mais antes, a ultima explosão do estro, e da verdade, que rompe dos seus labios, quasi moribundos; e he outra confissão a que o impellio o conhecimento do seu ultimo fim.

“ Prazeres ! socios meus, e meus tyrannòs !
“ Esta alma, que sedenta em si não coube,
“ No abysmo vos sumio dos desenganos.”

Quantas bellezas, quantas graças poeticas, quantas figuras se encontram em tres versos ! Ha huma exclamação, ha huma anadiplosis, ha huma apostrophe, e esta apostrophe he huma prosopopéa.

Quando fallamos, e nos dirigimos ás cousas inanimadas, as suppomos com vida, e com intelligencia ; e conceder vida, e intelligencia áquillo, que não as tem, he usar de huma prosopopéa. A prosopopéa não se dá só quando fazemos fallar as pessoas ausentes, os mortos, os espiritos, os rochedos, as arvores, os montes, os rios, e quaesquer dos seres da natureza insensivel ; dá-se tambem quando os apostrophamos, porque então lhes suppomos vida, e intellecção.

Os prazeres erão seus socios, e seus amigos, mas elles erão ao mesmo tempo os seus *tyrannos*, e o conduzião ao sepulchro pelos estragos physicos, e essa destruição prematura.

Segue-se hum verso de grandissima energia :

“ Esta alma, que sedenta em si não coube.”

Que póde haver de mais poetico, do que esta singularissima expressão ! Essa alma,

que saía, como fóra das suas faculdades ; que o levava de encontro ; que o arrojava impetuosamente, além da sua esfera ; voluptuosa, e abrazada pela sêde dos prazeres, e da celebridade ; que o tornava poeta, philosopho, amante, soberbo, irreligioso, e entusiasta ; que o conservava em hum estado de escandescencia, e delirio ; que o rodeava de fantasmas ; que se não continha dentro dos seus limites ; que não cabia em si mesma ; e que o havia, não só mergulhado, mas ainda *sumido no abysmo dos desenganos*.

Alma sedenta he huma expressão translaticia. *Não caber em si* he huma frase hyperbolica da lingua portugueza. *Sumir os prazeres no abysmo dos desenganos* he expressão de grande força, e igualmente metaphorica. He o mesmo que mergulhar, submergir, e fazer desaparecer os prazeres nesse abysmo.

Abysmo dos desenganos he o ultimo gráo de convicção, a que Bocage havia chegado, quando conheceo o despenhadeiro, em que se achava, e pôde certificar-se, por si mesmo, do precipicio, em que os seus erros o havião lançado. *Abysmo*, porque a persuasão intima, em que elle estava dos seus desregramentos, e da proximidade da sua morte, era tão profunda, e tão pavorosa, como são os abysmos. He outra expressão figurada.

“ Deos!... oh! Deos!... quando a morte a luz me roube,
 “ Ganhe hum momento o que perdêrão annos,
 “ Saiba morrer o que viver não soube.”

Deos!... oh! Deos!... Temos, alem da reticencia (aposiopesi, como lhe chamão os Gregos), outra exclamação, e outra anadiplosis. As exclamações podem nascer de varios, e diversos affectos: da impaciencia, da indignação, de grande dor, de tristeza, de alegria, de compaixão, e de outras fontes mais: ellas são o verdadeiro signal, e a linguagem de huma alma commovida, e agitada. Esta exclamação tem a sua origem na confiança, que Bocage havia posto em Deos, porque era Deos unicamente quem o poderia salvar *em hum só momento*, esquecendo-se de tantos annos, que se tinham deslizado no crime. Era isto huma supplica.

“..... Quando a morte a luz me roube.”

O verbo *roubar* suppõe vida, e acção naquelle, que rouba. A morte tinha de pôr em pratica esta acção, e por isto mesmo se fez della huma entidade physica. *Roubar a luz* he mais outra metaphora. Era privar-o da vida. O verbo *roubar* he aqui empregado com a maior propriedade, porque significa arrancar alguma cousa á força, e contra a vontade daquelle, que a possue. Quando se diz que a

morte rouba a vida, he para exprimir a violencia da acção, e a repugnancia com que o homem se deixa espoliar da sua melhor propriedade neste mundo.

“Ganhe hum momento o que perdêrão annos.”

Ha neste verso huma antithese (alleosis, ou contraposição) entre *ganhar*, e *perder*, entre *hum momento*, e *annos*. A antithese tem por base o contraste, ou a opposição de dous objectos. Ao *momento* se attribue vida, e se attribue acção, assim como he attribuida aos *annos*. Para ganhar, ou perder alguma cousa he preciso ter vida.

Ha outra antithese no derradeiro verso :

“*Saiba morrer o que viver não soube.*”

Ha por ultimo huma *derivação* (paragmenon) pelo emprego do verbo *saber* nestes dous tempos — *saiba*, e *soube*.

“*Saiba morrer o que viver não soube.*”

Alem dos termos poeticos, de que se acha revestido este Soneto, elle termina com hum pensamento agudo, ou epigrammatico, e deste modo foi dado o ultimo realce a este genero de composição, que não he, e nen: deve ser, senão hum verdadeiro epigramma. Boca-gé não conheceo rival neste genero.

Cumpre, que se reflecta ainda na construcção destes dous versos, e que se attenda ao modo, por que se achão dispostas as syllabas, que em logar de os tornarem grandemente cheios, e sonoros, o que se observa na maior parte dos versos de Bocage, ficarão como fatigados, e languidos, pelo emprego dos accentos, e das muitas syllabas longas, o que neste logar produz hum maravilhoso effeito. Era o coração descontente de si, e o entendimento aborrecido do adorno, revelando-se sem as impertinencias da correcção : mas esta negligencia, esta frouxidão graciosa, constituem a força destes dous ultimos versos :

“ Ganhe hum momento o que perdêrão annos,
“ Saiba morrer o que viver não soube.” (*)

Estando nos ultimos periodos da vida, re-talhado de dores, de ancias, de sustos, e de agonias ; rodeado de remedios, e de amigos, que o não desamparárão nunca ; era preciso, não ter a vastidão, mas a immensidade do genio de Bocage, para em circumstancias tão deploraveis produzir este Soneto, e improvisar muitos outros, dignos de igual commemo-ração.

De minha parte he isto hum testemunho mesquinho do apreço (e se eu o posso dizer) da quasi idolatria poetica, que conservo pelas lucubrações do maior genio, que Setubal vio apparecer em seu seio ; Setubal, que he pa-

tria de Vasco Mousinho de Quebedo, de Thomas Antonio dos Santos e Silva, e de tantos homens illustres.

Ultimando esta ligeira analyse, convem que mencione, que na viagem, que fiz de Lisboa para o Algarve, repousando em Setubal, fui de proposito visitar a casa, aonde tinha vivido Bocage. Foi isto huma verdadeira homenagem, que tributei a hum objecto venerando, de gravissimas recordações para mim. Conservo manuscriptos de sua propria lettra, que me forão dados em Lisboa, assim como possuo os de alguns outros escriptores Portuguezes, e Brasileiros, de abalisado merito, e saber.

Cada hum dos homens encara os objectos, segundo o seu estado de instrucção, o seu gosto, e mesmo segundo as suas affeições, e preconceitos. Eu descubro nas lucubrações poeticas de Manoel Maria de Barboza du Bocage as maiores bellezas, e huma elegancia, e correcção de metro, que será bem difficil descobrir em muitos poetas Portuguezes. Era este o crime de Racine. *Hum versificador insigne*, chamou-lhe hum poeta da sua mesma patria, e seu contemporaneo.

Versos são versos. Excluem a prosa, e uma certa medida estropeada, que embaraça a pro-uincia, e desconsola o ouvido, porque lhes falta a euphonia. A prosa mesma tem seu torneio harmonico, de que se não póde prescindir, especialmente nos assumptos grandiosos, que reclamão vigor, e eloquencia.

E por ventura só existe metrificacção em Bocage? Que absurdo! Que injustiça! Pasmos, de que alguns homens de instrucção sacrificquem o seu bom senso, e o seu criterio, ao dito de hum, ou outro homem, de menos illustracção, e de menos gosto, e que dêem voga a esta injustiça litteraria! Se alguém se propozesse a colligir as passagens verdadeiramente poeticas, o sublime, e o verdadeiro pathetico, que se derramão, aqui, e alli, nas composições de Bocage, presentaria hum volume, e com isto poderia amordaçar a turba injusta dos seus emulos, e dos seus detractores. Ah! se elle existisse!



NOTA A PAGINA 20.



(*) “Ganhe um momento o que perdêrão annos,
“Saiba morrer o que viver não soube.”

Os melhores poetas deixarão grandes exemplos de versos imitativos : huns demonstrarão com elles a distancia, a tardança, ou a fadiga do trabalho ; e outros arremedavão a brandura, cu o estrepito dos sons. Virgilio no seguinte verso deixou ver a tardança, e a fadiga :

Cornua velatarum obvertimus antenarum.

Neste outro verso arremedou o som com que o ginete, impaciente, e feroso, escava, e revolve a terra :

Quadrupedante putrem quatit ungula campum.

Em outro verso, como que se ouve o cavallo mastigar o freio, inundado de espuma :

Stat sonipes ac fræna ferox spumantia mandit.

Temos este verso latino, que exprime a detonação das peças de artilheria :

Horrida per campos bum... bum... bombardas sonabant.

Na — Via Josinaida, — que he hum ligeiro poemeto, vem a imitação, ou traducção deste verso, e he a seguinte :

“ E da noute, por entre as sombras pardas,
“ *Troou bum... bum... das horridas bombardas.*”

Camões, querendo significar a distancia, nos deixou este verso :

“ Para o Sul até o Cabo Camorí.”

Parece, que a voz se alonga na derradeira syllaba, para dar a conhecer, por esta detença, a distancia, em que se achava o Cabo. Não só Virgilio, não só Tasso *na Jerusalem Libertada*, não só Camões, como tambem outros muitos poetas Portuguezes, imitarão destramente os sons em versos onomatopaiicos. Temos alguns nos Virginidos, posto que muito máo poema de Manoel Mendes de Barbuda de Vasconcellos. Citaremos unicamente este, para não tornar mais prolixa esta nota :

“ Ferido o ar retumba, e assovia.”

O P Raphael Soyé (Mirtilo) fere, e mortifica o ouvido, dos que o lêem, com esta onomatopéa :

“ Das rans o rouco ralo, o ruim ruido.’

Parece-me expressiva de mais.

Garção traz dous bellos versos imitativos, em hum dos seus Sonetos, descrevendo a forja de Vulcano :

“ Sujos Brontes estão arregaçados,
“ Batendo o rubro ferro, e refinindo.”

Castilho pinta lindamente a mariposa, crestando as azas na luz :

“ Saltou dentro, eil-a ardendo, e eil-as em cinza
“ As azas, que os Favonios invejirão.”

Como que se escuta o susurro, multiplicado, e brando, de huma borbuleta, que se abraza na chamma.

Bocage mesmo, na sua Ode dirigida ao Quintella, traz estes dous versos imitativos :

“ E d'hum fero encontrão, rugindo, arromba
“ A caterva dos Euros.”

Na traducção, que fez do diluvio universal, os peixes, arrebatados pela precipitação das correntes, barafustando pelos bosques, e indo de encontro pelas arvores,

“ Co'as negras trombas pelos troncos batem.”

Os exemplos são innumeraveis. A onomatopeia, ou o arremêdo dos sons, nasceo com a necessidade, que tinhão os primeiros homens de exprimir de hum modo conveniente, e proprio, os seus pensamentos : mas faltando-lhes, em muitas occasiões, os vocabulos pela pobreza das lingoas, que começavão a fallar, recorrião á natureza das cousas, e imitavão com os sons os fenomenos, que os cercavão, quando elles se podião dar a conhecer por este modo de exprimir.

Os indigenas, que existem nas aldeias dos nossos Sertões, usão ás vezes das mais expressivas onomatopeias, como eu o observei. No dialecto de huma das Tribus a palavra — *tutuca* — significa o cair da fruta, e isto pelo som, que ella produz, quando fere o chão, despegando-se da arvore. Da mesma sorte o termo — *tipitipe* — exprime a palpitacão do coração, quando se contrahe, ou se expande, pelo movimento continuo da sistole, e diastole.

Fim.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).